

10 anos de arte sociológica.

(Contribuição para livro sob este título, a ser publicado por PERCORSI, Salerno)

Os demais contribuintes a este livro, (Baudrillard, Canclini, Costa, Duvignaud Morin, Perniola e Restany), analisarão, sem dúvida, as experiências e os trabalhos teóricos dos artistas que participam do movimento. O meu propósito será outro. Suspenderei a minha própria participação modesta ao movimento, e os liames de amizade que me unem a alguns dos artistas, (a Fischer, a Forest, a Thenot e a Muntadas), e procurarei assumir ponto de vista distanciado. Perguntarei pelos motivos profundos do movimento.

Uma das descobertas mais perturbadoras da atualidade é a da inseparabilidade de sujeito e objeto. Descoberta de situações, nas quais os conceitos "sujeito" e "objeto" perdem todo sentido. Tal descoberta foi feita, quase simultaneamente, em terrenos desconexos. Parece que estamos esbarrando contra uma das pedras fundantes da existência ocidental, a qual se assume sujeito do mundo, e a qual assume o mundo enquanto seu objeto. O edifício todo da nossa cultura está vacilando. Se tais situações não permitem que nos assumamos sujeitos que vivenciam, conhecem e alteram o mundo, a nossa cultura toda deve ser revista. Somos obrigados a recorrer a culturas estranhas, e sobretudo às orientais, para as quais o homem enquanto sujeito do mundo não passa de ilusão a ser "rasgada" como um véu. Estamos perdendo o solo que nos sustenta.

Na física nuclear a descoberta assume a forma da pergunta: pode haver observação objetiva? A observação de determinadas partículas altera a sua massa e a sua velocidade, e perguntar como "são" tais partículas quando não observadas, carece de sentido. E como a realidade "objetiva" toda é composta de tais partículas, a pergunta se impõe: que sentido tem, falarmos em "realidade objetiva"? Por outro lado, a resistência dura que nos é oposta pelo mundo dos objetos é cabeçuda demais, para podermos negar-lhe "objetividade". Obviamente, este nosso pendular tradicional de realismo para idealismo e de volta, essa nossa tentativa tradicional de "adequarmos o intelecto à coisa", é consequência de atitude fundamentalmente errada face à realidade. Provavelmente, o homem conhecedor e o mundo a ser conhecido não são polos opostos da realidade. Provavelmente, são extrapolações abstratas de uma realidade concreta única, abstrações essas perpetradas pelo pensamento e pela ação ocidental, os quais se vêm agora confrontados com tal realidade concreta.

Na psicanálise a descoberta da impossibilidade de separarmos sujeito e objeto, analista e analisado, assume a forma da pergunta: serei "eu" existência nítidamente distinguível? A transferência de processos psíquicos do analisado para o analista e de volta sugere substrato comum a ambos, espécie de sopa amorfa da qual os "eus" se condensam, para nela se dissolverem novamente. A "identidade individual" se problematiza. Pois tal imagem do sujeito humano enquanto epifenômeno fugaz e indefinível de uma realidade psíquica mais profunda é intolerável para a vivência, o conhecimento e a valoração do homem ocidental, o qual se fundamenta sobre o conceito da liberdade e da responsabilidade individual e não transferível.

Os dois exemplos da inseparabilidade do sujeito e objeto, tomados da física e da psicologia, podem ser completados por exemplos de outros terrenos. Na ecologia carece de sentido separar-se o organismo do seu contexto. Na genética o fenótipo apare-

ce como mero epifenômeno do genótipo "trans-subjetivo". Na informática o "indivíduo" aparece como caixa preta com input e output. Mas o que interessa aqui mais de perto é o caso da sociologia. Lá, a descoberta da inseparabilidade de sujeito e objeto assume a forma da pergunta: pode haver conhecimento objetivo do outro, inclusive de mim próprio? E será possível querer alterar o outro, (a sociedade), e a mim próprio, em base de conhecimento? A pesquisa sociológica esbarra contra a descoberta que a observação de fenômenos sociais modifica, por sua mera presença, tanto o comportamento do grupo observado, quanto o do próprio observador. Por exemplo: se um sociólogo observa o fenômeno da criminalidade infantil, e se o faz em obediência às regras mais rigorosamente científicas, verificará que sua presença modifica o comportamento das crianças, e que os atos e os sofrimentos das crianças modificam seus próprios atos e sofrimentos. O problema aqui não é epistemológico, como no caso da física nuclear: o de agarrar o objeto. Nem existencial, como no caso da psicanálise: como identificar-me. O problema é ético e político: como reconhecer o outro enquanto sujeito.

Trata-se aqui do problema da intersubjetividade, da relação que une observador com observado, (sociólogo com as crianças). Em tal relação parece fora de propósito a pergunta: quem observa e quem está sendo observado? Ambos, sociólogo e crianças, observam e estão sendo observados. Pois isto sugere que é igualmente fora de propósito a clássica pergunta ocidental: qual é a posição do indivíduo na sociedade, e qual é a influência da sociedade sobre o homem? Sugere que os conceitos "sujeito humano" e "sociedade humana" não passam de conceitos abstratos, e que a realidade concreta é o tecido das relações intersubjetivas. Pois tal imagem de um campo relacional intersubjetivo, no qual o sujeito não passa de nó imaginário de relações, é intolerável para o homem ocidental, porque aniquila todos os seus valores. Se o homem individual é um nada, um vácuo no qual relações se atam e desatam, e se a sociedade é um nome abstrato que designa um conjunto fluido de relações concretas, todos os conceitos de liberdade, justiça, fraternidade, e todos os modelos de individualismo e coletivismo, se perdem entre os dedos. Os fundamentos da ética e da política ocidentais entram em colapso.

Tal descoberta da inseparabilidade de sujeito e objeto em determinadas situações, tal problematização do significado dos termos "objetividade" e "subjetividade", é uma das raízes da crise do ocidente. Podemos obviar a crise, e optar por misticismo orientalizante. Um exemplo de tal driblagem do problema por parte de cientistas é a "gnose de Princeton". Mas podemos também tentar fazer face ao problema, e elevar a própria inseparabilidade em método de conhecimento, de vivência, e de engajamento. Exemplo de tal elevação em método de conhecimento é o princípio de indeterminabilidade de Heisenberg, na física. Exemplo de tal elevação da inseparabilidade em método de vivência é a práxis da psicanálise. A tese que quero defender é que a arte sociológica se quer exemplo de como elevar a inseparabilidade de sujeito e objeto em método de engajamento. Para compreender-se isto, é preciso que se considere o conceito atual de "arte".

O artista moderno é um publicista de projetos privados. Sujeito que elabora modelos das suas vivências no seu espaço privado, (no seu "íntimo"), e que publica tais modelos, impressos ou não sobre objetos, afim que a sociedade possa dis-

pôr dessas "obras". Por certo: as vivências do artista infiltram seu íntimo provindas do espaço público, e são contaminadas por conhecimentos e valores, os quais, elas também, são publicamente dados. E quanto aos modelos elaborados pelo artista, estes se apoiam sobre modelos prévios publicamente disponíveis. O artista está inserido na história geral, e mergulhado na história da arte. Mas o que importa é que, para "criar", o artista se retira da correnteza da história para o espaço privado, para de lá emergir novamente com sua "obra".

Pois esse tipo de fazer artístico é tipicamente moderno. Não existe em lugar e em tempo algum fora do mundo moderno. Em toda parte e sempre, fora do ocidente moderno, a elaboração de modelos, e sua aplicação a objetos, tem sido atividade pública, seja ela "individual" ou "coletiva". O subjetivismo caracteriza o conceito "arte" apenas no seu significado moderno.

Igualmente moderna é a conotação exclusivamente estética do conceito "arte". As "belas artes". Em lugar e em tempo algum, fora do ocidente moderno, ocorre a alguém querer produzir obras que sejam "estéticas", isto é: que modelem a vivência dos receptores. Toda obra, fora do ocidente moderno, visa simultaneamente ser "bela", "útil", e "corretamente feita". Isto é: todo modelo pré-moderno é simultaneamente estético, político e epistemológico. O esteticismo da arte moderna se explica pelo desenvolvimento da ciência moderna. Esta elabora modelos epistemológicos, e os confia à técnica, para que esta os torne úteis ao aplicá-los a objetos. Destarte a técnica vai assumindo os aspectos epistemológicos e políticos do fazer: o "progresso da técnica" é o fazer de obras sempre mais "corretamente feitas" e "úteis". E para a arte moderna só resta fazer obras apenas "belas".

O subjetivismo e o esteticismo da arte moderna, (acentuado no romantismo, mas presente em toda Idade moderna), é consequência da expulsão do artista da grande correnteza da modernidade em direção da objetividade científica e técnica, do "progresso". A arte moderna vai formar espécie de ilha de subjetividade, de ghetto. E é essa solidão do artista, esse seu desterro do progresso geral, que faz com que ele se retire para o seu íntimo e acentue sua vivência subjetiva. Que faça "obras incorretas e inúteis". Por certo: obra humana alguma é isenta de dimensões epistemológicas e políticas, porque conhecimento, valor e vivência são inseparáveis. As obras da arte moderna, elas também, têm impacto sobre o conhecimento e o comportamento da sociedade. Mas o que importa é o isolamento da arte moderna.

Pois a arte sociológica é movimento que se origina em tal crise da subjetividade da arte, mas movimento que transborda para a crise da objetividade da ciência, e mais especialmente para a da sociologia. O primeiro motivo dos artistas sociológicos é o de emancipar a arte do seu subjetivismo e esteticismo, do seu ghetto. Mas logo se acrescenta um segundo motivo, o de aproveitar-se da crise da objetividade sociológica como brecha para a penetração do fazer artístico na vida quotidiana. A Arte sociológica é movimento que parte da crise da arte rumo à crise da sociologia, que parte da crise da subjetividade rumo a crise da objetividade. Sua meta é a de superar essas crises por intersubjetividade. Arte sociológica é um fazer que não é mais nem arte moderna, nem sociologia moderna, mas que quer ser simultaneamente arte e sociologia em nível novo, intersubjetivo.

Pois tal vontade de superar a crise toma a inseparabilidade de sujeito e objeto como seu ponto de partida. Na sociologia, o problema se põe na forma da descoberta que a observação de fenômenos sociológicos altera o comportamento tanto do observador quanto do observado. Para a sociologia, isto representa obstáculo para o conhecimento objetivo. Para a arte sociológica, pelo contrário, isto oferece estratégia para alcançar-se conhecimento e alteração intersubjetivos da sociedade. A descoberta da inseparabilidade de sujeito e objeto implica na descoberta da impossibilidade de todo discurso "sobre" a sociedade: ninguém está acima da sociedade para poder discorrer "sobre" ela. A arte sociológica conclui disto que a única maneira de alcançar-se conhecimento social é a do diálogo com os outros. De modo que arte sociológica não passa de uma série de propostas, constantemente renovadas, para novas formas de diálogo com os outros. São propostas de conceder a palavra, sob forma sempre nova, aos próprios fenômenos sociais, e de responder-se a tais palavras. De maneira que "observação" da sociedade se confunde com "alteração" da sociedade e de si próprio, no clima de mútua responsabilidade. A própria inseparabilidade de sujeito e objeto passa a ser o método de engajamento.

As propostas da arte sociológica partem do terreno da arte. Do terreno da vivência concreta, não, como o faz a sociologia, do terreno das teorias. Por isto a arte sociológica é o oposto da técnica social. No entanto, a meta da arte sociológica não é, como o é o caso da arte moderna, a de propôr à sociedade modelos "estéticos", modelos de vivência concreta. A sua meta é de permitir à sociedade e ao próprio artista vivenciarem em conjunto, conhecerem-se mutuamente, e alterarem-se mutuamente. Por se fundirem, na arte sociológica, sujeito e objeto em diálogo mútuo, fundem se eles também na vivência, no conhecimento, e no engajamento. Uma vez superada a divisão entre sujeito e objeto, é superada também a divisão entre ciência, política e arte. De maneira que o fazer da arte sociológica não é nem artístico, nem científico, nem político, mas é tudo isto simultaneamente em novo nível.

Todas as experiências dos artistas sociológicos com os novos media dialógicos, e todas as suas reflexões teóricas, podem ser avaliadas adequadamente apenas, tendo a atual crise da subjetividade e objetividade como pano de fundo. Trata-se, no fundo, na arte sociológica, de tentativa de superar a crise da existência ocidental, sem abandonar o solo do ocidente e mergulhar em misticismo orientalizante.

